



Comunicação, Performatividade e a Emergência do *Queer*: Um Ensaio Sobre a Cultura da Subversão dos Gêneros em Solange Tô Aberta¹

Júlio César SANCHES²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo:

Este trabalho tem como finalidade discutir o papel da comunicação na (des) construção dos gêneros inteligíveis. A partir de leituras sobre teoria *queer* analisaremos as letras das músicas da banda *queer* Solange Tô Aberta para identificar quais elementos da comunicação são utilizados na cultura de subversão dos gêneros. Dessa forma, concluiremos que as políticas de subversão da cultura perpassam o flerte com a paródia e a instituição do estranhamento como política de representação.

Palavras-chave: comunicação; gênero; *queer*; paródia; Solange tô aberta.

Introdução:

*“Identidades perturbadas,
questões subversivas,
poderes alterados,
discursos desafiados”.*

(Solange Tô Aberta, *Macho transtornado*).

A comunicação é um dos artifícios que inscreve o corpo na cultura. A nomeação do corpo instaura o circuito simbólico normativo dos gêneros e sexualidades. “É uma menina” ou “é um menino” não afirma um estado, mas sim uma constatação simbólica da formação do corpo em gênero. Dessa forma, nomear é suscitar discursos performativos. A performatividade aqui é compreendida como a execução do discurso que reside no corpo. Com isso, “a fala desempenha o papel de instrumento formativo, e, além disso, performativo. Neste estágio, a performatividade é o ato ritualístico do discurso que concebe as coisas, esse ato torna os conceitos inteligíveis, dessa forma, a linguagem concebe, molda e institui os objetos” (SANCHES, 2010, p.2).

A instituição dos gêneros se estabelece no enquadramento das identidades inteligíveis. Dessa forma, ser homem ou mulher na cultura está prescrito no campo inteligível, tornando o sexo um “dato natural” e as corporalidades um resultado

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste realizado de 10 a 12 de Junho de 2010.

² Graduando, do 5ª semestre, de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Orientado pela profesora Dr. Maria de Fátima Ferreira, bolsista de políticas afirmativas da Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis - PROPAAE/UFRB. juliocesar_black@yahoo.com.br



inevitável. Assim, Judith Butler argumenta que “gêneros *inteligíveis* são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm a relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p.38) (grifos da autora).

Butler ao compreender os gêneros masculinos e femininos como inteligíveis apresenta a necessidade desses gêneros de sofrerem a reiteração discursiva para se estabilizarem enquanto verdade ontológica. Cabe a fala/discurso constituir o sistema que assegure a linearidade dos gêneros. Portanto, a comunicação participa de uma longa estrutura formadora dos gêneros e sexualidades. No pensamento butleriano, as normas de gênero são apresentadas de forma citacional. Portanto,

Butler compreende a construção do gênero a partir de um enunciado performativo que adquire o papel citacional, quer dizer, o *código* que institui o gênero é o mesmo que surge enquanto gênero. Assim, as normas regulatórias citacionais mobilizam ações, mas essas ações simulam naturalidade (SANCHES, 2010, p.4) (grifos do autor).

A naturalização do corpo na sociedade é uma armadilha das normas citacionais do gênero. Tal fato aciona as reiterações discursivas que instauram o que Judith Butler chama de heterossexualidade compulsória. Para ela, a heterossexualidade compulsória se estabelece na necessidade de coerência dos gêneros. Assim, o corpo dotado de uma vagina (sexo) apresentará uma performance social (gênero) que encontrará atributos no gênero oposto (desejo) e realizará a “necessidade” de se relacionar (prática sexual). Dessa forma, sexo, gênero, desejo e prática sexual seguem uma linha coerente que posiciona a heterossexualidade como um caminho “natural”.

O argumento de Butler ainda ressalta que na construção da inteligibilidade os corpos que não se enquadram nas normas estabelecidas pelo gênero passam a ser questionados na sua própria corporificação. Assim, surgem os corpos abjetos que são a (não) materialização dos sujeitos que não se enquadram nas normas culturais dos gêneros. Portanto, a abjeção “relaciona-se a todos corpos cujas vidas não são consideradas *vidas* e cuja materialidade é entendida como *não importante*” (PRINS e MEIJER, 2002, p. 161).

A emergência desses corpos que não se conformam com as normas de gênero tornou-se grande no último século. O surgimento de políticas e representações que contestam os valores da heterossexualidade tornaram propícias as condições para o surgimento de sujeitos sociais que fazem da paródia um projeto político de enfrentamento social. Assim, emergiram o *queer* e o *camp* como elementos da



subversão da cultura dos gêneros inteligíveis e binários. Como destaca Swain (2001): “O desafio hoje é auscultar as zonas obscuras que acompanham os nódulos “naturais” de inteligibilidade do humano, onde aparecem, com força e visibilidade, grupos e indivíduos que reivindicam uma identidade específica fora do esquema binário” (p.88).

Identificação e a (des) identificação *queer*

A contemporaneidade é marcada pela ascensão de sujeitos que reivindicam novas possibilidades de experiência. Tanto na arte, moda, mídia e cultura; artefatos, modelos e identidades são apresentadas, reiteradas ou construídas no decorrer do processo de identificação. Quando relacionamos a tríade identidade/diferença/representação acionamos perfis simbólicos que delimitam o caráter do objeto ou sujeito. Conseqüentemente, essa ação torna a linguagem um instrumento performativo. Não acionamos discursos através da comunicação para descrever algo, mas sim para afirmar o que ele é.

As ferramentas simbólicas da fala tornam inteligíveis as ações e as mobilizações em torno dos sujeitos. O corpo como sede da demarcação cultural das identidades é construído a partir do referencial simbólico do discurso. Portanto, “um homem se veste como homem” por estar incluso numa determinada cultura que demanda os papéis sociais de gênero dentro do esquema binário heterossexual. O discurso que institui o signo “homem” passa por diversas formas de reiteração que se configuram como os limites epistemológicos da representação “homem”. Contudo, barreiras culturais são impostas para (re) afirmar o posicionamento da identidade dentro dos arranjos culturais que delineiam os gêneros, desejos e práticas.

Nessa lógica, a diferença se estabelece na configuração de uma relação de poder entre os gêneros. A instituição do dimorfismo sexual assegura a naturalidade do corpo consagrado em fisiologias contrárias, aparências diferentes e subordinação do Outro, essa última aplicada ao discurso de incompletude do corpo feminino. Mas em última escala da diferença dos gêneros perpetua a necessidade de delineamento das características do Outro, além da mediação ou não de relações abjetas. Dessa forma, a abjeção do Outro se configura na construção das características do Eu.

O cenário que essas categorias impõem torna as representações de gêneros um *locus* de permanência da hierarquia, preconceito e abjeção. O ato de representar evidencia os ditames e os pressupostos que formam as identidades e diferenças no



decorrer do processo histórico, social e cultural dos gêneros. Portanto, a tríade de identidade/diferença/representação está situada no lugar social de permanência dos valores heterossexuais, falocêntricos, sexistas e abjetos.

Butler chama atenção para a violência que ocorre na nomeação do corpo; instituindo uma lei naturalizadora dos corpos. “A violência da letra, a violência da marca que estabelece o que irá ou não significar, o que será incluído ou não no inteligível, assume uma significação política quando a letra é a lei ou a legislação autorizadora do que será a materialidade do sexo” (BUTLER, 1998, p.39).

A violação da lei do corpo torna abjeta a vivência dos sujeitos. Como identificar ou estabelecer diferença sobre um corpo *intersex*? A intersexualidade³ é uma categoria que, por não se enquadrar nos limites epistemológicos dos gêneros inteligíveis, é considerada abjeta. Nádia Perez Pino argumenta que os *intersex*, por não serem inteligíveis, passam por intervenções sociais, médicas e culturais para o (re) enquadramento dos gêneros⁴. “As pessoas que nascem na condição de *intersex* necessitam categorias de reconhecimento para ter vidas habitáveis, as quais serão recebidas através da designação de um gênero” (PINO, 2007, p. 166).

Como datar um corpo na cultura senão pela nomeação? Como nomear um *intersexual*? Assim, é possível compreender que “na relação corpo e sexualidade, as normas que produzem o poder são inseridas nos corpos como algo inexorável e inacessível, o corpo já nasce datado numa cultura e marcado pelo seu sexo” (SANCHES, 2009, p.3). A inacessibilidade das normas que constroem os gêneros torna ficcional a materialização. A condição *intersex*, assim como a transexual, contribui para entender que os corpos ao nascerem são “lidos” na cultura.

A partir do momento que compreendemos que as identidades tornam estáticas as possibilidades de experiência, utilizaremos as identificações como instrumentos necessários de análise; deslocamos o debate para o posicionamento dos sujeitos na sociedade; e apresentamos o papel de alteridade na construção de novas subjetividades e

³ O termo intersexualidade nasceu da necessidade de despatologização dos corpos que nascem com dois sexos, conhecidos na literatura médica como hermafrodita. O pesquisador Mauro Cabral explora o conceito de intersexualidade e diz: “El concepto clave para comprender de qué hablamos cuando hablamos de intersexualidad es el de variación. Por lo tanto, cuando decimos intersexualidad nos referimos a todas aquellas situaciones en las que el cuerpo sexuado de un individuo varía respecto al standard de corporalidad femenina o masculina culturalmente vigente” (CABRAL & BENZUR, 2005, p. 283-284). Para compreender essa discussão. Ver PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os *intersex*: experiências invisíveis de corpos des-feitos. In: Cadernos Pagu, V.28, 2007, p.149-174.

⁴ Berenice Bento também utiliza esse discurso para relatar as intervenções cirúrgicas realizadas em transexuais. Ver BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.



corporalidades sexuais. Dessa forma, pretendemos construir nosso argumento a partir da lógica das identificações. Stuart Hall compreende que o posicionamento das identificações contemporâneas demonstra a incompletude dos sujeitos, além de apresentar novas rotas de análise sobre os fenômenos culturais.

Essa concepção [*identificação*] aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos (HALL, 2009, p.108) (grifo nosso).

Na rota das identificações contemporâneas, a sexualidade hegemônica – heterossexualidade – é questionada por discursos que pregam a desconstrução dos gêneros, essa desconstrução não é compreendida como destruição, mas sim como análise profunda e questionadora das bases formadoras desses gêneros. Portanto, radicalizar o conceito de gênero é uma das propostas da teoria *queer*.

Richard Miskolci (2009) traça um panorama das ciências sociais para ilustrar o surgimento da teoria *queer* no meio acadêmico. Segundo ele a teoria *queer* surge nos EUA na década de 1970 com a proposta de “desconfiar” as relações e os sujeitos da sexualidade que empreendem unidade. Miskolci assinala que:

Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o *queer* revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (MISKOLCI, 2009, p. 169).

A iniciativa teórica dos estudos *queer* radicaliza completamente o olhar sobre a sociologia e, segundo Miskolci (2009), “o *queer* impõe às ciências sociais a necessidade de rever seus pressupostos, de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica” (p. 170). Assim, a utilização dessa teoria nos permite caminhar sobre o universo de possibilidades, estéticas e experiências que existem entre o hegemônico e o estigmatizado. Essa prerrogativa *queer* toma como base a necessidade de (des) identificar os corpos, os gêneros e as sexualidades, propondo uma prática de subversão dos valores simbólicos e materiais que “controlam” os gêneros.



Ao pensarmos que a comunicação é uma das ferramentas que compõem o sistema de nomeação, produção, controle e reprodução dos gêneros, podemos assegurar a existência de brechas, fissuras ou até mesmo ruídos⁵ que possibilitem a subversão dos valores, comportamentos e compulsões existentes na heterossexualidade. A ambigüidade do processo comunicacional nos permite construir um cenário contrário aos valores hegemônico presentes nas relações de gênero heterossexual/homossexual.

Berenice Bento (2006) ao apresentar a emergência dos estudos *queer* aborda a amplitude dos valores e a necessidade de abarcar as diversas possibilidades identitárias e de experiência sexual. A autora pontua que:

Esses estudos (*queer*) se organizam a partir de alguns pressupostos: a sexualidade como um dispositivo; o caráter performativo das identidades de gênero; o alcance subversivo das performances e das sexualidades fora das normas de gênero; o corpo como biopoder, fabricado por tecnologias precisas (BENTO, 2006, p.81) (grifo nosso).

A posição política dos estudos *queer* é respaldada por atores sociais que buscam romper a lógica compulsória do gênero. Essa política de (des) identificação proposta pelo *queer* abre caminho para o estabelecimento de novos arranjos culturais e novas relações entre os corpos-sexuados, como diz Bento.

A proposta da (des) identificação revela a possibilidade de utilizar da performatividade como elemento da transgressão dos gêneros. Com isso, a aparência e os artefatos simbolizados em gêneros apóiam tanto a permanência das normas, como da subversão. É nas performances de gênero de transexuais, drag kings, drag queens, intersex que nos deparamos com a materialização escancarada e a revelação das normas que formatam os corpos.

Beatriz Preciado (2003) é a teórica que apregoa a necessidade do *queer* de buscar a desontologização do corpo. Para a autora, é fundamental que as políticas *queer* estejam em territórios que revelem a presença de tecnologias que construam os corpos. Contudo, a desconstrução *queer* implica num embate que não trata sobre identidades de gênero, mas sim da possibilidade de caminhar sobre essas identidades sempre trilhando identificações contrastantes e que revelem as inconclusões, artificialidades ou precariedades da produção. Preciado demonstra que tais políticas devem ser compreendidas como rupturas da relação corpo – sexo, corpo – subjetividade, corpo –

⁵ Por ruído compreendemos o elemento pertencente à comunicação que expõe as ambigüidades e a imprecisão de determinadas relações comunicacionais.



aparência e, em potencialidade de execução discursiva e simbólica, que não apresente ambigüidades, mas sim pluralidades entendidas como fora do lugar. Desestabilizando assim, as normas e reiteraões sobre os corpos.

A argumentação de Preciado reside na perspectiva de produção de corpos, que tragam em suas construções simbólicas e materiais, deslocamentos de significação de gênero. Dessa forma, a autora acredita na ascensão de uma “desterritorialização” dos sentidos e dos valores que dominam as corporalidades e subjetividades.

Este processo de “desterritorialização” do corpo supõe uma resistência aos processos de chegar a ser “normal”. O fato de que haja tecnologias precisas de produção de corpos “normais” ou de normalização dos gêneros não acarreta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. Pelo contrário. Dado que a multidão queer traz consigo mesma, como fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, ela tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual (PRECIADO, 2003, p. 3).

Preciado apresenta uma posição de radicalidade que simboliza as vivências *queer*. As proposições *queer* desestabilizam as normas e buscam misturá-las em corpos-próteses, nas falas de Preciado, que expressam a necessidade de emergência de rompimento com os valores heterossexuais e hegemônicos. Questionando assim os valores que formatam a sexopolítica dominante.

Queer, nós?

O domínio da heterossexualidade e o esquema binário de vivência tornaram-se um modelo de representação presente na relação homossexual. Estudiosos *queer* denominaram essa reprodução do modelo heterossexual em heteronormatividade. Pino argumenta que a heteronormatividade funda uma assimilação do corpo homossexual. Assim, a heteronormatividade é o “(...) enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual



reprodutivo” (PINO, 2007, p. 160). A heteronormatividade se constitui e fortalece o modelo de homossexual consagrado pelos movimentos sociais da década de 1980⁶.

Nesse cenário, a heterossexualidade enquadrava as relações homossexuais em parâmetros, modelos e estruturas que datavam condutas a serem aceitas pela sociedade. A produção de uma identidade homossexual, pelos primeiros movimentos sociais, foi forçada pela necessidade de assimilação desses corpos e sujeitos. Portanto, para a homossexualidade ser “aceita”, era necessário estar incluso no modelo de valorização heterossexual, ou melhor, heteronormativo.

Ao se questionar sobre a hegemonia heterossexual, Butler assinala a co-relação existente entre heterossexualidade e homossexualidade:

A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não-heterossexuais salienta o *status* cabalmente construído do assim chamado heterossexual original. Assim, o gay é para o hetero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia (BUTLER, 2003, p.57).

A perspectiva *queer* compreende os gêneros, e suas respectivas performances, como ficções induzidas pelo discurso cultural da nomeação. Com isso, um olhar *queer* sobre essas categorias radicaliza a posição que elas possuem no interior da inteligibilidade cultural dos corpos. O deslocamento dessas categorias formaria, de certo modo, a emergência da fluidez e o afrouxamento das normas culturais do gênero. Tornando essenciais as performances e não a materialização dos corpos.

A especulação sobre as performances de gênero também devem ser mediadas pela atenção às performatividades apresentadas, reiteradas e excluídas da lógica dominante de gênero. Bento reflete o papel de conformação que a performatividade possui. Segundo ela, as reiterações das ações conformam as determinadas possibilidades de inteligibilidade dos gêneros. Assim, intervenções e reiterações são produzidas necessariamente para manter a coerência e a viabilidade dos corpos. E, a aparência desses corpos comunica citacionalmente⁷ quais categorias são “normais” ou “anormais”. “O gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos

⁶ No Brasil, isso ocorreu na eminência dos movimentos homossexuais. Para compreender o contexto político e cultural dessa época, Ver GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. Cadernos Pagu, V.15, 2000, p. 271-295.

⁷ O gênero como citação faz parte do argumento de Judith Butler. Ver BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo” (BENTO, 2006, p.90).

A aparência dos gêneros exerceria o papel de materialização dos discursos do corpo e do sexo. Com isso, a performatividade coordenaria as performances de gênero, tornando as apresentações sociais do corpo mediadas por artefatos simbólicos.

Se as performances são mediadas pela performatividade, o primeiro passo para subverter a lógica dos gêneros estaria em deslocar a aparência? Acreditamos que sim. A mediação dos signos culturais usados por travestis, transexuais e transgêneros flerta com essas normas e negocia a possibilidade de execução de performances de gênero subversivas, mas nem todas as performances estariam inclusas num campo *queer* de apresentação⁸.

As possibilidades de uma análise sobre esse fenômeno *queer* estão presentes nas apresentações da banda baiana Solange Tô Aberta⁹. A banda é constituída pelo Pedro Costa e Paulo Fraga – integrantes que tem falo. A Solange Tô Aberta propõe a utilização de artefatos e performances transgressoras em suas letras e apresentações. O flerte e a paródias são ferramentas fundamentais para a consolidação de uma poética e estética da subversão da cultura dos gêneros. Neste cenário, a utilização de um modelo de aparição *camp* se concretiza como elemento primordial para estabelecer posições de alteridades ao referente hegemônico heterossexual.

Denílson Lopes (2002), em seu terceiro manifesto *camp*, associa o *camp* ao alargamento das possibilidades de execução de uma subversão da lógica dominante. Assim, o *camp* exerce o domínio de apresentação do artifício como elemento pertinente à desestabilização dos gêneros. Logo, “o artifício possui um vasto campo semântico, da teatralidade barroca à simulação midiática, da tradição do travestimento nas artes cênicas aos desafios da performatividade do sujeito contemporâneo” (LOPES, 2002, p.104).

Solange tô aberta executa performatividades de gênero que propõem e revelação da artificialidade que o discurso consegue moldar nos corpos. A desconstrução de normas pré-estabelecidas de gênero é a principal característica da banda. Dessa forma, Solange tô aberta apresenta as possibilidades de subversão através do próprio discurso

⁸ Em outro texto, argumento que os artefatos simbólicos constituem o corpo travesti, transexual e transgênero. Ver SANCHES, Julio César. Corpos (des) feitos e Identidades (des) construídas: a estética e o comportamento não heteronormativo. In: Anais do II EBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura. UEFS: Feira de Santana/BA, 2009.

⁹ As letras das músicas usadas neste trabalho foram retiradas da internet. Letras disponíveis em <http://letras.terra.com.br/solange-to-aberta/> - acessado em 04 de maio de 2010.



delineador das ações dos corpos e dos gêneros. Em “Macho transtornado”, a banda mescla quais artifícios reiterativos são usados para assegurar uma estabilidade de gênero e, ao mesmo tempo, provoca uma contestação da heterossexualidade masculina. A letra diz: “Macho afetado, masculinidade borrada, homem discursivo, corpo transitório. Teus gestos repetidos, não escondem o desejo reprimido. Vá pra um quarto com outro homem só pra você ver o que ele vai fazer” (Solange tô aberta, Macho transtornado).

Com uma linguagem subversiva e (des) contextualizada, a banda exerce o papel de transgressão dos signos culturalmente difundidos. “Macho transtornado” evidencia as políticas de repressão que a homossexualidade sofre na cultura. O lugar de anormal, “reprimido”, revela o incômodo constante que o dispositivo do armário causa na vivência homossexual e na relação de poder exercida pelo heterossexual. A situação epistemológica que envolve as homossexualidades torna instável a relação entre o público e o privado.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p.22).

A biopolítica como fundadora de conhecimentos, mobilizações e ações corporais, intrinsecamente, tornam a vivência dos gêneros um objeto de intervenções simultâneas no campo social, cultural, político e epistemológico. A ocultação da historicidade do corpo e de suas normas nas sociedades disciplinares torna impreciso o estudo sobre a construção das normas de gênero. Mas Michel Foucault apresenta que “(...) o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limites, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118). Dessa forma, os discursos sobre o corpo instituem sexos correlatos com os gêneros, desejos, práticas subjetivas – objetivadas pela performatividade.

As performatividades nas palavras de Solange tô aberta ganham o ar de deboche sobre as atividades repetitivas e fracionadas que os gêneros impõem. A música “Melô da Bicha no armário” suscita a relação que os corpos têm com as normas reiterativas de gênero. A letra da música apresenta as performances de gênero como citações necessárias para a estabilidade e a permanência dos valores “concretos” da



heterossexualidade. “É uma coisa que você não vai poder esquecer de marcar no seu relógio. Que a cada dez minutos você baixar o macho e vai coçar o seu saco. Isso é coisa de machão! Isso é auto-afirmação! É pura virilidade! Coça mesmo com vontade! Pra eles pensar que é verdade!” (Solange tô aberta, Melô da bicha no armário).

A citacionalidade de gênero como ferramenta da consolidação do projeto de hegemonia inteligível heterossexual, impulsiona símbolos e representações que conformam os indivíduos. Assim sendo, as representações de gênero são reafirmadas por processos de “repetição” de signos culturalmente estabelecidos pelo discurso. Simulações de gênero esse é o horizonte que os estudos *queer* vislumbra.

Swain (2001), ao falar de um tecnologia social que institui representações “tabuladas” no binômio heterossexual, ressalta a conformação das imagens produtoras de sexualidade em diferentes instâncias culturais. Mídia, cosméticos, roupas e instituições cumprem o papel de reificar posicionamentos de sexualidade.

O indivíduo, assim interpelado, aceita e incorpora a imagem que lhe é oferecida e as opções que lhe são reservadas como sua própria representação; torna-se assim a encarnação da representação social, auto-representação de uma identidade que lhe é conferida (SWAIN, 2001, p.90).

Consequentemente é no campo das representações que algumas intervenções de gênero ocorrem. Dessa forma, subverter esses locais de representação é buscar as alternativas de (des) identificação com os modelos hegemônicos sexuais. Contudo, Solange tô aberta executa uma política de ruptura simbólica ao confrontar as arquiteturas de gênero heterossexuais com os arranjos corporais artificiais do *queer*. Fato esse, que tem como pano de fundo a utilização da teoria *queer* como referencial teórico subversivo¹⁰.

Quando falamos de arquiteturas de gênero, pontuamos a construção corporal das sexualidades. Onde os corpos são pavimentados em regiões próprias e impróprias para a execução da sexualidade. Pênis, vagina, ânus, boca cada território possui significação dentro do modelo médico, jurídico e moral da cultura ocidental. Beatriz Preciado corrobora para essa posição ao refletir o corpo como prótese, onde processos de

¹⁰ No webdocumentário “Cuceta” – do cineasta Cláudio Manoel – a banda Solange tô aberta fala sobre sua relação com as políticas de representação *queer*; expressa a necessidade de uma política da desconstrução do corpo e o enfrentamento às instituições normativas da sociedade moderna, como a Igreja Católica Apostólica Romana. Disponível em: <http://vimeo.com/11001192> - acessado em 04 de maio de 2010.



castração sejam reiterados em diferentes escalas. Logo, somos resultado dos diferentes processos de constituição tecnológica do gênero.

Atentando para as discussões *queer* entorno dos corpos-próteses, Solange tô aberta enuncia o deslocamento de comportamentos sobre o corpo sexuado. Apelando para uma “desterritorialização” das estruturas corporais novas performances de gênero são propostas. Na música próstata, esse artifício é usado como processo de ruptura simbólica e comunicacional. “Os hominho tem um medo, daquele toque do doutor. E eu tô pra lhe dizer que não é a tal da dor. Vai doutor, Não confunde minha cabeça. Isso aqui é só um teste, não enfia a pica preta” (Solange tô aberta, Próstata).

Artefatos simbólicos, como o uso do homoerotismo, tornam a comunicação estabelecida pela banda Solange tô aberta estranha. Ao mesmo tempo em que articula uma posição de gênero masculina dominante, revela uma possibilidade de passividade homossexual. O uso do deboche é recorrente nas representações heterossexuais da banda, a palavra “hominho” busca resignificar a posição social da figura masculina perante as normas estabelecidas de gênero.

A atuação sobre um campo comunicacional mediado por ideologias permite elaborar a ruptura da essencialidade dos corpos. Usar da paródia, nas letras de música e nas performances dos shows, problematiza a hierarquia das relações de poder que mediam as atuações do gênero. Como ressaltou Guacira Lopes Louro (2004), a paródia surge num momento de perversão das representações hegemônicas. Assim:

Na pós-modernidade, a paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas numa forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica, paradoxalmente, a identificação e distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado (LOURO, 2004, p.85-86).

Com isso, as políticas de enfrentamento político em busca de uma ruptura epistemológica dos gêneros se estabilizam na possibilidade de demonstrar as artificialidades que compõem o cotidiano dos sujeitos. Portanto, quando as políticas de enfrentamento são assimiladas pelo sistema dominante, cabe às paródias propor uma espetacularização dos fatos em busca de uma lógica da (des) identificação.

Em *Travestir*, Solange to aberta problematiza a posição social da aparência dos gêneros. A composição relata sobre os mecanismos de travestimento usados por diversos sujeitos que não se enquadra na perspectiva binária (homem/mulher) como matriz. Como destacou o trecho da música: *Travestir é purpurinado, travestir é*



glamuroso, travestir é tão moderno, travestir é tão gostoso. Precisa ser muito homem, pra se vesti de mulher, sair na rua, leva porrada e não esconder o que é” (Solange to aberta, Travestir).

A abordagem da travestilidade na música retrata a vivência de homossexuais que usam de toda carga estereotipada da homossexualidade para combater o preconceito, mas que nem por isso querem ser aceitos pela sociedade. A figura do travesti se sustenta numa lógica ambígua em relação ao corpo e aos códigos simbólicos, culturais e sociais. Dessa forma, a contestação da ordem hegemônica dos gêneros se estabelece na constante reiteração da subversão que a estética e o comportamento *camp* nos apresenta. Como ressaltou Denílson Lopes (2002), “o camp aparece como uma estratégia corrosiva da ordem, no momento em que políticas utópicas e transgressoras parecem ter se esvaziado de qualquer apelo (...)” (p.103).

A posição de corrosão dos sentidos e parâmetros da heterossexualidade é o que a lógica *queer* o remete. Assim sendo, quebrar os efeitos normativos e naturalizadores torna a política *queer* propositiva enquanto ruptura simbólica e epistemológica dos termos, conceitos e valores apregoados pela heterossexualidade compulsória. Preciado compreende que:

A política das multidões queer advém de uma posição crítica em relação aos efeitos normalizadores e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: não há uma base natural (“mulher”, “gay”, etc.) que possa legitimar a ação política (PRECIADO, 2003, p.7-8).

Para quem falamos?

A banda Solange to aberta surge como elemento cultural de uma perspectiva *queer* de subversão. Afinal, para quem eles comunicam? Essa pergunta é norteadora para pensarmos quais características culturais são aceitas enquanto projeto político, cultural ou apenas musical. Falar de sexualidade nas músicas é também apresentar as mazelas sociais formadas a partir da lógica desigual que rege os gêneros.

Solange to aberta usa da comunicação oral (fala/discurso) para reiterar performatividades que não são tidas como “normais” na sociedade heteronormativa. Corpos que vivem de ambigüidades, descontinuidades, artificialidades enquanto projeto inacabado do discurso. São bichas pretas, pobres, afetadas, sapatonas estereotipadas, travestis incompletos e transexuais mutilados. Essas são as presenças que incomodam as



estruturas discursivas e normativas da sexualidade. Quando eles se comunicam? Na mídia, na cultura popular ou nos movimentos sociais?

Pensar o *queer* é estabelecer uma (des) identificação da representação do corpo, da linguagem, da cultura e da sexualidade. Queer é revoltar-se com as normas pré-estabelecidas pela comunicação que emana dos corpos; é questionar sendo questionado; é inflamar as características “naturais” dos gêneros; é não ser tolerado e assimilado.

Dessa forma, o *queer* exerce o papel de contra-hegemonia na aparição espetacularizada e politizada associadas às políticas do *camp*. No Brasil, o *queer* emerge no contexto de não aceitação do modelo hegemônico e heteronormativo do homossexual que quer casar, adotar crianças e estabelecer relações presas ao circuito heterocentrado da cultura ocidental.

O *queer* localizado na cultura brasileira se apropria do funk – estilo estigmatizado pela cultura – para falar das suas vivências, experiências e práticas subversivas. Sexo, palavrões, gírias e performances são os componentes utilizados para o estabelecimento da comunicação “estranha” que o *queer* possui. A revolução proposta pelo *queer* é a construção de novas rotas de significado da sexualidade, corpo e política. A política aqui compreendida como momento de negociação das relações sociais e de poder. Assim sendo, a enunciação *queer* pretende evidenciar outras formas de relação com o poder, o discurso e a comunicação.

Referências bibliográficas

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** In LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

_____. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”.** In: *Cadernos Pagu.* Campinas, V. 11, 1998, p. 11-42.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes, 2009.



LOPES, Denílson. Terceiro manifesto camp. In: Lopes, Denílson. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia:** o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

PINO, Nádya Perez. **A teoria queer e os intersex:** experiências invisíveis de corpos des-feitos. In: Cadernos Pagu. Campinas, V.28, janeiro-junho de 2007, p. 149-174.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer:** notas para uma política dos “anormais”. In Multitudes, nº 12, 2003. disponível em:
http://www.intersexualite.org/MULTID_ES_QUEER.pdf - acessado em 04 de maio de 2010.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. **Como os corpos se tornam matéria:** entrevista com Judith Butler. In: Revista Estudos Feministas. V.10, n. 1, Florianópolis, 2002, p. 155-167.

SANCHES, Júlio César. **Corpos performativos:** os entre-lugares e as zonas queers em Lady Gaga. In: Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Curitiba: UTFPR, 2010.

_____. **Corpos (des) feitos e Identidades (des) construídas:** a estética e o comportamento não heteronormativo. In: Anais do II EBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Feira de Santana, BA: UEFS, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu, Campinas. V. 28, 2007, p.19-54.

SWAIN, Tânia Navarro. **Para além do binário:** os queers e o heterogênero. In: Revista Gênero, Niterói, v.2, n.1, p. 87-98, 2º semestre de 2001.